



**LEONARDI**

“Eu creio muito no poder da informação. A informação é delegada àqueles que vêm depois. Se ela é boa hoje, ela será ótima daqui há 20 anos.”

## prof. dr. Luis Sérgio Leonardi

# Um colecionador de bons talentos

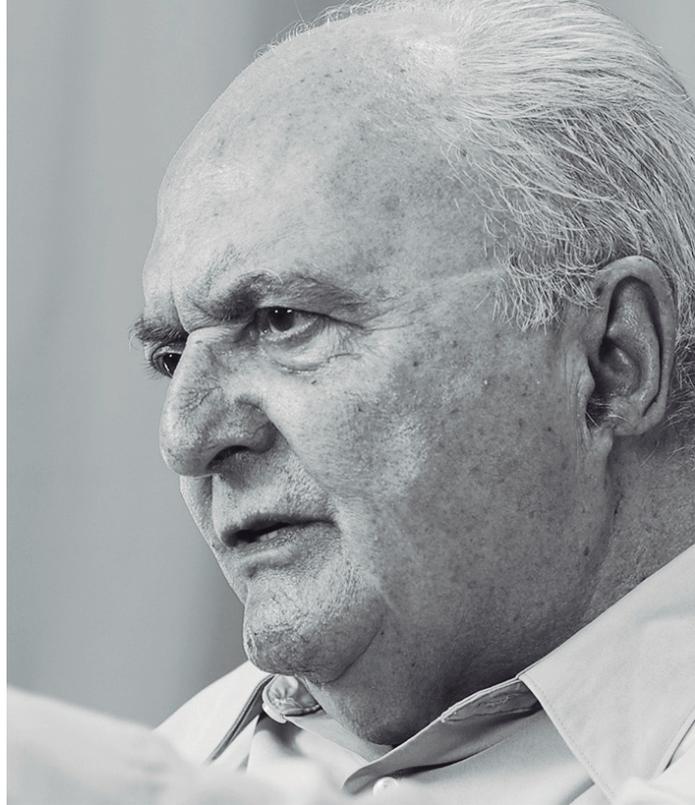
Luis Sérgio Leonardi nasceu em 8 de setembro de 1937 na cidade de Araras, interior do Estado de São Paulo. Em 1963, formou-se pela Faculdade de Medicina da USP de Ribeirão Preto e, em 1968, foi contratado como instrutor do Departamento de Clínica e Cirurgia da Faculdade de Medicina da Unicamp. Na Unicamp, galgou diversos títulos e desenvolveu vasta produção acadêmica. Foi coordenador da área de cirurgia da Unidade de Transplante Hepático e incentivou a criação de núcleos regionais de captação de órgãos em outras cidades.

Como administrador, foi diretor executivo do Centro de Diagnóstico de Doenças do Aparelho Digestivo (Gastrocentro); diretor da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) no período de 1980 a 1984; presidente do Conselho de Administração do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp e chefe do Departamento de Cirurgia da FCM por duas vezes, de 1973 a 1982 e de 1984 a 1988.

Dono de uma memória excelente, Luis Sérgio Leonardi conta como foi a criação do Departamento de Clínica e Cirurgia da FCM e sua reestruturação, e as primeiras pesquisas e cirurgias na área do transplante de fígado realizadas no HC da Unicamp.

*Como começou o Departamento de Clínica e Cirurgia?*

**Leonardi** - O Departamento de Clínica e Cirurgia foi criado em 1968. Ele foi criado pelo professor Silvio Carvalho, que foi convidado para vir para cá por Zeferino Vaz. Naquela época, havia excelentes médicos em Campinas para todo tipo e gosto. Havia o Penido Burnier, a clínica Rocha Brito, o Mario Gatti – um grande cirurgião – ele abria crânio naquele tempo. E os hospitais eram bons. Eu era mocinho e naquele tempo os



pacientes de Araras vinham se tratar aqui. Depois de São Paulo, Campinas era a segunda cidade com maior fluxo de doentes pagantes.

*Como você foi convidado para vir para a Faculdade de Medicina?*

**Leonardi** - O Sílvio Carvalho foi quem me convidou para vir para cá. Ele era professor na Escola Paulista de Medicina. Lá tinha um corpo docente magnífico. Uns me conheciam melhor que outros e foram se afeiçoando a minha maneira de ser e acabei sendo convidado para de vir para cá. Foram anos deliciosos quando cheguei a Campinas.

*Conte como foi isso.*

**Leonardi** - Quando cheguei em Campinas, eu fui para o Hospital Irmãos Penteado. A enfermaria era enorme: 30 ou 40 leitos só para homens, e outros só para mulheres. E tinha também os doentes do antigo IAMPS. E nas enfermarias eu ficava com o doente de clínica e cirurgia. Então, eu não sabia se aquele doente era clínico ou cirúrgico. Após discussão árdua entre os médicos, o Silvio determinava quem ia para cirurgia. Tinha-se liberdade para conversar. Era uma coisa em casa. Aprendia-se muito.

*E por que a clínica separou-se a cirurgia?*

**Leonardi** - Acho que foi mais por ordem acadêmica. A Universidade foi crescendo e a burocracia fez com que esse programa fosse diminuindo. Isso durou, se não me engano, quatro anos.

*Por que você optou pela cirurgia?*

**Leonardi** - Na Escola Paulista de Medicina eu já me dedicava à cirurgia. Entretanto, naquela época, eu tinha tendência em fazer urologia. Eu fiz cirurgia e clínica de urologia e fiz cirurgia e clínica de úlcera. Aí então eu pude comparar. Quis o destino que eu optasse por gastroenterologia cirúrgica.

*Quando você começou a fazer o transplante de fígado?*

**Leonardi** - Comecei em 1988, no Núcleo de Medicina e Cirurgia Experimental, prédio que ajudei a construir e ir a término. Como naquela época nós ainda não fazíamos transplante em humanos, eu ia, quase todo mês aos Estados Unidos, para estudar. Até que um professor de lá me disse: "O que você está fazendo aqui? Vai para o Brasil, faz o transplante e me comunica". E então, no dia 8 de setembro de 1991, fizemos o transplante de fígado na Unicamp. No mesmo dia do meu aniversário. E o nome do paciente era Luis Sérgio.

*Isso foi coincidência?*

**Leonardi** - Não, foi proposital mesmo.

*De lá para cá, a técnica para se fazer transplante de fígado evoluiu?*

**Leonardi** - Para você tirar um órgão, está tudo no livro, o desenho fotográfico é um só. Mas na hora que você vai tirar um órgão, vai depender muito da experiência e sabedoria do cirurgião. Para retirar um órgão, é fundamental treino, e aqui na Unicamp eu tenho certeza que isso é passado aos alunos. Eles aprendem a fazer a rotina, definir o candidato ao transplante, passam pela cirurgia experimental, depois pela cirurgia e chegam finalmente ao paciente.

*Você se lembra de seus pacientes transplantados?*

**Leonardi** - Eu tive pacientes que viveram 17 anos após o transplante. Um morreu por que voltou a beber. Tem outra paciente que eu não vejo faz tempo, mas sei que ela vai em festinhas e toma

uma cervejinha, mas não se embebeda. Se for assim, ela merece gozar a vida, pois passou por uma cirurgia afoita [transplante]. Tem outro paciente que bebia e não tinha condições de ser transplantado. Deram um jeito, ele parou de beber, fez o transplante e evoluiu bem. Hoje, ele faz salgadinhos à tarde, às 19 horas vai dormir e não bebe mais. Dizem que depois do transplante ficou mais apaixonado.

*Como selecionar o paciente que vai receber o transplante?*

**Leonardi** - Na minha visão, o álcool é o melhor doente para se definir as coisas aqui no Brasil. O único vírus curável é o da hepatite A. Os outros são incuráveis. Pacientes com câncer no fígado é para se discutir. Há uma briguinha entre cirurgiões e clínicos sobre os procedimentos. Os três casos merecem judiciosamente a indicação devida: uma hepatectomia, uma ressecção ou um transplante. Há divergência médica nisso e vão dizer que estou falando besteira. Vamos ver daqui a cinco ou dez anos se estou mesmo. Parece até que o doutor Silvio Carvalhal voltaria a ter razão nessa altura da conversa. 📌

